

Sedutopatia: um ensaio

Na história da psicanálise, a sedução ocupa um lugar privilegiado, ou, ao menos, um ponto de virada na construção da teoria segundo a qual a realidade fáctica deu lugar ao imaginário, ao fantasmático. É só lembrar a famosa frase: “Yo no creo más en mi neurótica” (p.301), lançada ao mar por Freud em 21 de setembro de 1897.

Por outro lado, não podemos esquecer a colocação freudiana de que a sedução compõe, junto ao comércio sexual dos pais, a castração e o retorno ao seio (ventre) materno, as chamadas “fantasias primordiais” (FREUD, 1915, p.269) que seriam, segundo expressão do próprio Freud (1915-16, p.338), “um patrimônio psicogenético”.

**Leonardo A.
Francischelli**

Membro Titular em função
Didática da Sociedade Brasileira
de Psicanálise de Porto Alegre.

O exame detalhado dessas questões entre acontecimentos e fantasias, ou seja, a diferença entre realidade psíquica e realidade material, acrescentada ainda a idéia forte do “patrimônio psicogenético”, mereceriam um maior cuidado e aprofundamento, entretanto, não o faremos neste trabalho, visto que vamos explorar o conceito de sedução em um sentido muito particular, como veremos mais adiante.

Também é explícita a relação entre sedução e trauma:

A palavra sedução remete, antes de mais nada, à idéia de uma cena sexual em que um sujeito, geralmente adulto, vale-se de seu poder real ou imaginário para abusar de outro sujeito, reduzido a uma posição passiva: uma criança ou uma mulher de modo geral. Em essência, a palavra sedução é carregada de todo o peso de um ato baseado na violência moral e física [...] Foi exatamente dessa representação de coerção que Freud partiu, ao construir, entre 1895 e 1897, sua teoria da sedução. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.696).

Ignorávamos que essas idéias já haviam nascido com os gregos. Senão, vejamos:

Como assinala Clemence Ramnoux – “os gregos conheciam três maneiras de se impor: pela violência (bía), pela persuasão (peithó) e pela sedução”. Esta última é função das Kharites, Graças, sequazes-irmãs das musas, e a estreita conexão entre ambos os grupos se revela também na homonímia (Thalia – Thalia) e proximidade onomástica (Euterpe – Euphrosyne) entre indivíduos de um e outro grupo. (HESÍODO, 2003, p.34).

A idéia de se impor ao outro, seja pela violência, seja pela persuasão, seja pela sedução, está plenamente contemplada na premissa de se tratar de “um ato baseado na violência moral ou física”.

Tudo isso pode ficar melhor configurado, convocando-se o histórico e famoso caso Emma, colocado em circulação por Freud em 1895 (p.448), no qual o abuso de um primeiro ato, quando Emma tinha 8 anos, é retomado a partir do segundo ato, aos 12 anos, criando sentidos ao primeiro, quando ela foi abusada por um adulto. A sedução é um acontecimento material

no primeiro ato, mas o segundo trabalha já como uma realidade psíquica. De qualquer forma, recorremos a essa história de Emma para destacar a temporalidade na construção dos eventos sedutores-traumáticos, nos quais o segundo ato vai re-significar o primeiro, que permanecia como traço de memória, e se faz trauma.

Antes de concluir esse pequeno recorte histórico das vicissitudes da sedução e do traumático, destacaremos onde nasceria o verdadeiramente traumático para Freud (1923, p.56) dos últimos trabalhos: “Então acredita na seriedade do que ouviu e vivencia, ao cair sob a influência do complexo de castração, o trauma mais intenso de sua jovem vida”, que, de alguma forma, articula, mais uma vez, com o conceito de fantasias originais, em que a castração é uma delas, portanto com um pé no “patrimônio psicogenético”.

Hoje, a idéia de sedução é re-visitada, entre outros, por Laplanche (1988), através de seu profundo trabalho sobre “a teoria da sedução generalizada”, que permite perceber toda a atualidade que a sedução mantém à teoria e à clínica do nosso tempo.

Deixaremos agora esse caminho para investigar outro ângulo da sedução, já não no terreno da clínica ou teoria, mas talvez no da psicopatologia. Em nossa cultura do sucesso a qualquer preço, a sedução é uma arma poderosa na conquista do poder sobre os outros.

Como dissemos, os gregos conheciam a sedução como um meio de imposição. Esse instrumento continua vigente em todos os vínculos societários que organizam a comunidade humana. Se olharmos a política, a vida das nossas instituições, constatamos que muitas vezes a sedução poderia ser confundida com a hipocrisia ou mesmo com a psicopatia.

Sem ir muito longe, em nosso próprio meio, às vezes, nossas discussões teórico-clínicas, nas quais o elogio fácil campeia, enquanto a crítica construtiva, o comprometimento com a tarefa de uma discussão profunda com as questões que nos envolvem, sempre se vê postergada. A sedução domina a cena. E, dramaticamente, essa prática ocupa todos os espaços

sociais. Nesse sentido poderiam-se caracterizar as patologias das instituições.

A esse proceder sedutor dominante nos vínculos intersubjetivos explorando a sedução como um meio de conquistar o outro sem cuidados com sua alteridade, isto é, sem olhar verdadeiramente para esse outro, só valendo o êxito pessoal, no qual a moeda de troca é o narcisismo pessoal, a esse comportamento chamaríamos de “sedutopatia”. Nessa categoria, o outro não é reconhecido como tal. Não existiria responsabilidade pelo outro.

Por outro lado, sem a sedução nossa de cada dia ninguém sobreviveria. É fundamental uma pitada de artimanhas sedutoras, semelhantes ao devaneio, que precisamos exercitar para lidar melhor com a realidade material.

Contudo, na sedutopatia encontramos uma marca diferente. A sedutopatia, expressão que construo aqui para designar a manifestação de um fenômeno que nos perturba: a sedução como meio de prestígio social, político e profissional.

Na sociopatia já conhecemos o destino da culpa: ela não existe. Para alguns autores, a culpa não existiria, visto que, apoiados na colocação de Freud (1940, p.189), “existem dois caminhos pelos quais os conteúdos do id podem penetrar no eu: um é direto, o outro passa através do ideal do eu”. Sendo esse caminho direto aquele empregado pela sociopatia; o outro, pois, sofre a intervenção do ideal do eu, fonte da culpabilidade.

Haveria culpa na sedutopatia? Somos tentados a sustentar que sim. Entretanto, pararemos por aqui, visto que nossa intenção era realizar uma primeira apresentação dessa nova entidade nosográfica que, partindo da idéia de sedução, a batizamos de “sedutopatia”.

Referências

- FREUD, S. (1897). La Carta 29. In: _____. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v.1.
_____. (1915). Un Caso de Paranoia que Contradice la Teoría Psicanalítica. In:

- _____. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v.14.
- _____. (1915-16). 23ª Conferencia: los caminos de la formación de síntoma. In: _____ **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v.16.
- _____. (1923). El Ello y el Yo. In: _____ **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v.19.
- _____. (1940[1938]). Esquema del Psicoanálisis. In: _____ **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v.23.
- _____. (1950[1895]). Proyecto de Psicología. In: _____ **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v.1.
- HESÍODO. **Teogonia**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LAPLANCHE, J. **Teoria da Sedução Generalizada e Outros Ensaio**s. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

Ensaio

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA**Dr. Leonardo A. Francischelli**

Rua Tobias da Silva, 267/206
90570-020 Porto Alegre – RS – Brasil
Fone/fax: (51) 33462010
E-mail: leofrancischelli@yahoo.com.br